

Trecho do depoimento do professor João Benjamin da Cruz Júnior, o Laguna, durante os Painéis Raízes da Esag – História e Estórias, realizado em 16 de outubro de 2013.

Vou contar para vocês uma história que ilustra o compromisso que vocês têm de honrar o voto de ser Esaguiano . Ser Esaguiano é uma bandeira, uma causa e uma obrigação. Essa história retrata bem esse espírito, o que se espera de vocês, que ainda não são Esaguianos - dizem que são, mas ainda não exatamente.

Vocês sabem que a Espanha ficou por 700 anos ocupada pelos mouros, que atravessaram o Mar Mediterrâneo e invadiram a península ibérica para ali estabelecerem uma base de apoio, para passar pela França, invadir a Itália e tomar o Vaticano. Só que eles não esperavam encontrar tanta resistência, tanto que 400 anos depois desistiram de Portugal para concentrar forças na Espanha, onde ficaram 700 anos, tentando dominá-la - mas os espanhóis, passionais, não se entregaram.

Até que, depois de 700 anos de luta, os espanhóis chegaram a conclusão de que isso não fazia sentido, então “vamos ser mulçumanos”. A Espanha sempre foi fervorosamente católica, a mais católica da época. Quando os espanhóis decidiram, “vamos aceitar a dominação dos mouros”, os mouros, para quebrar a espinha dorsal dos espanhóis, começaram a descobrir os símbolos da cultura católica na Espanha.

Começaram a destruir as catedrais, as igrejas, os mosteiros, as capelas e assim por diante. Para não ter seus templos destruídos, os espanhóis os cobriam de areia, transplantavam grama, árvores, e quem olhava aquilo de longe achava que era uma elevação, um morro, uma colina, quando na verdade era uma catedral escondida. Mas chega a um ponto onde dizem chega, e a Espanha se submeteu ao Islã.

O Papa ficou P da vida, mandou chamar os reis católicos, Fernando e Isabel, e disse “Vocês não podem abrir mão da Espanha, se fizerem isso eles atravessam a França e vem para Itália tomar o Vaticano, vocês não podem, não podem, não podem, não podem”.

E os reis católicos disseram: “Mas as famílias da Espanha não aguentam mais, são 700 anos derramando sangue, perdendo nossos filhos”. “Porque não dá?”, perguntou o Papa. E eles disseram: “Primeiro nós não temos dinheiro”. “O Vaticano garante”, o Papa disse. “E segundo os espanhóis não tem mais vontade de resistir”, ao que o Papa respondeu: “Também vou dar um jeito nisso: o Vaticano garante os recursos para vocês se armarem e digam que Cristo garante que aqueles que ajudarem a expulsar os mouros da Espanha terão a alma salva perante o céu”.

Os reis católicos então voltaram à Espanha e contrataram um jovem nobre, de apenas 25 anos, chamado Rodrigo Díaz de Vivar, conhecido como El Cid, para que armasse uma última tentativa de sublevar os espanhóis contra a dominação dos mouros. El Cid saiu por todas as vilas e aldeias perguntando aos espanhóis fervorosamente crentes, católicos: “Vocês acreditam que uma vez Deus falou a Noé? Que mandou Noé construir uma arca, porque ia fazer chover durante 40 dias e 40 noites e iria destruir a humanidade...”

E contava a história de Noé, e quem acreditava, quem tinha fé, dizia: “Sim, eu acredito que uma vez Deus falou com Noé”. Aí ele fazia uma segunda pergunta: “Se vocês acreditam que naquela vez Deus falou com Noé, porque não acreditam que desta vez Deus falou comigo? A Noé Deus mandou que construísse uma arca, a mim Deus mandou que recrutasse um exército”.

Os espanhóis aceitaram o chamamento, até porque El Cid dizia: “Deus prometeu que vai mandar o padroeiro da Espanha, Santiago de Compostela, comandar junto comigo os exércitos católicos, que expulsarão os mouros da Espanha.” Enfim, expulsaram os Mouros, e de acordo com o Vaticano, quem ajudou tinha a salvação garantida, ia para o céu, a alma estava salva.

Como aconteceu recentemente na guerra civil espanhola, veio gente da Europa inteira lutar para expulsar os mouros e ter a alma salva. E quem não ajudou, não vai para o céu? Na época ainda não existia o chamado turismo religioso, mas a Espanha, depois de 700 anos de luta, estava numa merda de dar gosto, e resolveu explorar a história: quem ajudou a expulsar os mouros tinha a alma salva, mas quem não ajudou podia se salvar fazendo pelo menos uma vez na vida uma peregrinação a Santiago de Compostela.

Ai a Europa inteira, que era “o mundo”, no século 15 ainda não se havia descoberto a América, o Brasil, o caminho marítimo das Índias, não se havia cruzado o cabo das tormentas ou da Boa Esperança (o que é mundo? É aquele pedaço de Terra que a gente sabe que existe, e o que eles sabiam que existia? A Europa. Então, para eles a Europa era o mundo), e aí se a Europa inteira começa a fazer as peregrinações pelo menos uma vez na vida, o mundo inteiro começa, pelo menos uma vez na vida, a fazer as peregrinações a Santiago de Compostela, para salvar a alma.

Em 1400, como é que se caminhava? Na melhor das hipóteses com botas, ou com sandálias com tiras de couro não curtido, não beneficiado, aquelas que efetivamente são capazes de arrancar um dedo, pela pressão que fazem em função do couro puro, cru, não tratado, não beneficiado.

Pessoas do mundo inteiro passaram a fazer os cinco caminhos de Compostela, mas de todos que se lançavam na aventura, 10% chegava - outros 90% morriam. Muitos de gangrena: a pele ficava podre, por causa da tentativa de caminhar, pois o caminho mais curto de ida e volta tem quase 3 mil quilômetros - 1,5 mil km de ida e mais 1,5 mil km de volta.

Quem não morria de gangrena, morria de inanição, porque qual alimento era capaz de durar pelo menos três meses sem apodrecer naquela época? Pão, Bacalhau, azeite e vinho. Mas quem tem condições de carregar nas costas uma mochila que caiba pão, bacalhau, azeite e vinho para três meses?

Então as pessoas não levavam comida, levavam dinheiro para se alimentar, mas aí eram vítimas de saqueadores. Por causa deles, da inanição e da gangrena, 90% dos peregrinos não chegavam, não salvavam sua alma, não atingiam o objetivo de vida - não faziam a vida valer a pena.

Vendo isso, alguns senhores ricos, proprietários de terras nos cinco caminhos de Compostela, fizeram um acordo com o santo: “Meu santinho, tu cura a minha doença, descalça a minha filha, sei lá, me faz um milagre, que eu pago essa graça. Não fazendo o caminho inteiro de Compostela, mas levando, por uma parte dele, empregados com bolsas de pão para alimentar os peregrinos”.

Os vizinhos combinaram entre si, um cuida de um trecho, depois outro assume, e depois outro, e a partir de então, do ponto de largada até a chegada em Santiago de Compostela, os peregrinos tinham sempre a companhia de um rico senhor de terra, que levava seus empregados com sacos de pão.

Não era mais preciso levar dinheiro, ninguém mais morria de fome, e o percentual dos que chegavam ao final subiu de 10% para 40%. Por quê? Porque alguém, em vez de fazer o caminho todo, fez apenas uma parte, para que os outros chegassem ao final, para que outros cumprissem o objetivo de vida, atingissem uma meta, superassem o obstáculo.

Porque alguém foi com pão - em espanhol, “com pane” - ajudar outros a chegar ao final, quem vai “com pane” tornou-se um “companheiro”, um companheiro. Daí se criou o conceito de companheirismo. Sabem quem é companheiro? Alguém que faz um sacrifício para que outros cheguem ao final, atinjam o objetivo, completem a jornada. Ser Esaguiano é ser companheiro. O Esaguiano é companheiro, faz sacrifício para que outro Esaguiano dê certo.

Apesar do companheirismo, apenas 40% chegavam no final: as pessoas ainda morriam de gangrena, pela utilização de calçados inadequados, e na mão dos assaltantes. Vendo isso, os senhores de terras começaram a construir em seus terrenos, a beira dos caminhos, pequenos templos, onde os peregrinos passavam a noite, protegidos pelos empregados, a salvo dos saqueadores.

Nesses pequenos templos, que existiam centenas e ainda existem dezenas, havia uma pequena parte fechada, um compartimento que se chamava de câmara, onde pessoas que nunca haviam se visto, estranhos entre si, se ajudavam. “Teu pé está podre, tu vai morrer”, diziam, e aí o camarada ajoelhava na frente do outro e dizia: “Ponha o teu pé aqui que eu vou lavar as tuas feridas, limpar o teu pé, tirar o pus, fazer uma bandagem”.

E um estranho lavava o pé do outro, passava aqueles unguentos, pomadas de folhas medicinais da época, fazia uma bandagem, de forma que o pé do camarada ficava protegido. E porque ele passou a ter o pé protegido, medicado por um estranho, não morria mais de gangrena.

E o percentual dos que chegavam ao final pulou de 40 pra 70%, porque nessas pequenas câmaras alguém dizia: “Põe o teu pé no meu colo que vou lavar o pus do teu pé.” Quem fazia isso praticava aquilo que se chama “câmara-dagem”. O que é camaradagem? Quem é um camarada? É aquele que diz aos outros, “aqui tens um ombro amigo, chora que eu te ouço e te conforto”. É aquele que cura as tuas feridas.

Na nossa área, da Administração, o camarada é aquele que cura ou ajuda a curar as feridas psicológicas dos outros. Quem trabalha sabe o que é sentir-se magoado no ambiente de

trabalho. E sabe como é importante um administrador que diga aos outros: “Deixa eu pensar os teus ferimentos, curar, lavar tua ferida”. Isso é camaradagem. Ser Esaguiano é ser companheiro e camarada.

Aí já eram 70% os que chegavam, mas 30% ainda não, e o problema que permanecia eram os saqueadores, que passaram a atacar durante o dia. Quando eles apareciam, o que fazia a turma? Eram peregrinos por acaso, caminhavam um ao lado do outro, mas quando apareciam os saqueadores, corriam todos, um subia numa árvore, outro escondia na grama alta ou atrás de uma pedra.

Se o saqueador assaltava um, o outro dizia “que bom que não foi comigo”. Até perceberem que, quando os saqueadores se aproximavam, se eles não se separassem, não fugissem, se eles ficassem juntos, o saqueador não vinha. E fizeram uma experiência: o saqueador atacasse um peregrino, outro vinha ajudar, e a partir disso se firmaram pactos de defesa mútua.

E os peregrinos passaram a caminhar juntos, a trabalhar em equipe, e a partir do momento em que resolveram ajudar um ao outro, que assumiram essa postura e praticaram essa atitude, o percentual dos que chegavam passou de 70% para 90%.

Os outros 10% não chegavam por quê? Por alguma razão, eram chamados de volta pra casa, morriam de picada de cobra, de infarto do miocárdio, mas ninguém mais morria de fome, por causa de saqueadores ou de gangrena. O percentual dos que chegavam, dos que atingiam o objetivo de vida, que diziam “valeu a pena viver, salvei a minha alma”, aumentou porque os peregrinos resolveram caminhar juntos.

Porque nós chegaremos ao final, nós conseguiremos nosso objetivo, nós daremos certo na vida, se tivermos alguém com quem chegar. Em espanhol, “se tienes con quién llegar, se tienes un colega” - se tens um colega. O que é coleguismo? Quem é um colega? É quem pega junto. Ser Esaguiano é ser colega.

Com essa lição, de companheirismo, camaradagem e coleguismo, espero que vocês tenham entendido um pouco melhor o compromisso que vocês assumem ao se dizerem Esaguianos. Ser Esaguiano nos dá segurança, é um privilégio, mas é também uma obrigação, de ser colega, companheiro e camarada.